

SUE
A MONK
KIDD
INVENÇÃO
DAS ASAS

Tradução
FLÁVIA YACUBIAN

PA
RA
I
S

Copyright © 2014 by Sue Monk Kidd Ltd.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Invention of Wings

CAPA estúdio insólito

FOTO DE CAPA Yagi Studio

PREPARAÇÃO Tato Carbonaro

REVISÃO Mariana Cruz e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kidd, Sue Monk

A invenção das asas / Sue Monk Kidd ; tradução Flávia Yacubian. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2014.

Título original: The Invention of Wings

ISBN 978-85-65530-48-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-13914

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

PARTE UM
NOVEMBRO DE 1803 — FEVEREIRO DE 1805

Hetty “Encrenca” Grimké

Houve um tempo na África, as pessoas podiam voar. A mamã me contou isso uma noite, quando eu tinha dez anos de idade. Ela disse: “Encrenca, sua vovozinha viu com os próprios olhos. Disse que eles voavam sobre as árvores e montanhas. Disse que voavam que nem pássaros negros. Quando viemos pra cá, a magia ficou pra trás”.

Minha mamã era esperta. Não aprendeu a ler e escrever como eu. Tudo que ela sabia vinha do pouco de misericórdia que ela encontrou na vida. Olhou nos meus olhos cheios de tristeza e dúvida e disse: “Você não acredita em mim? De onde você acha que vieram esses ossos nas suas costas, menina?”.

Aqueles ossos pareciam brotar das minhas costas. Ela deu um tapinha neles e disse: “Isso é o que sobrou de suas asas. Nada a num ser esses ossos aqui, mas um dia você vai ter asa de novo”.

Eu era esperta como a mamã. Mesmo aos dez anos eu já sabia que aquela história de gente voando era pura lorota. Não éramos um povo especial que tinha perdido a magia. Éramos escravos e não íamos a lugar algum. Mais tarde eu entendi o que ela queria dizer. A gente voava, sim, mas não tinha mágica nenhuma naquilo.

No dia em que a vida se tornou uma coisa inconsertável, eu estava no pátio fervendo roupa de cama de escravo, atijando o fogo embaixo da panela de lavar e com os meus olhos queimando das fagulhas de sabão de barrela que saíam voando. Era uma manhã fria — o sol parecia um botãozinho branco costurado firme no céu. No verão, usávamos vestido de algodão fiado sobre nossas roupas de baixo, mas quando o inverno de Charleston aparecia como uma menina preguiçosa, em novembro ou janeiro, a gente vestia nossos sacos — uns casacos grossos feitos com fios de lã espessos. Um saco velho com mangas. O meu tinha sido dado por alguém e chegava até meus tornozelos. Eu não saberia dizer quantos corpos sem banho tinham usado aquela roupa antes de mim, mas todos tinham, bondosamente, deixado seus cheiros nele.

Naquela manhã, a sinhá já tinha dado uma bengalada no meu traseiro por ter caído no sono durante as suas preces. Todos os dias, todos nós, escri-

vos, todos menos Rosetta, que era velha e demente, nos apertávamos na sala de jantar antes do café da manhã para lutar contra o sono enquanto a sinhá nos ensinava versículos curtos da Bíblia, como “Jesus chorou” e rezava em voz alta a respeito do assunto preferido de Deus, *obediência*. Quem cochilasse levava um safanão bem no meio do Deus disse isso e Deus disse aquilo.

Eu era bem desafortada com a Tia-Irmã sobre todo aquele negócio infeliz. Eu dizia: “Afasto de mim esse cálice”, declamando com voz empoadada um dos versículos da patroa. Eu dizia: “Jesus chorou porque tá preso lá com a sinhá, que nem a gente”.

A Tia-Irmã era a cozinheira — estava com a sinhá desde quando ela era sinhá-moça —, e, ao lado de Tomfry, o mordomo, regia a orquestra. Ela era a única que podia dizer à patroa o que fazer sem levar uma bengalada. Mamã dizia para eu segurar a língua, mas eu nunca conseguia. A Tia-Irmã me dava palmadas, três vezes por dia.

Eu era uma encrenca mesmo. Mas não foi por isso que eu ganhei esse apelido. Encrenca era meu nome de berço. O sinhô e a sinhá davam os nomes oficiais, mas as mamãs olhavam seus bebês deitados nos berços e o nome vinha até elas, alguma coisa relacionada à aparência do bebê, o dia da semana, o clima, ou a cara do mundo naquele dia. O nome de berço da minha mamã era Verão, mas seu nome certo era Charlotte. Ela tinha um irmão cujo nome de berço era Dificuldade. As pessoas pensam que eu invento isso, mas é a pura verdade.

Se você tinha um nome de berço, pelo menos tinha alguma coisa da sua mamã. O senhor Grimké me deu o nome de Hetty, mas a mamã olhou pra mim no dia em que vim ao mundo, e como eu nasci antes da hora, me chamou de Encrenca.

Naquele dia, enquanto eu ajudava a Tia-Irmã no pátio, a mamã estava na casa, trabalhando num vestido de cetim dourado da sinhá, com uma cauda que começava nas costas, um estilo chamado de Watteau. Ela era a melhor costureira de Charleston e trabalhou com a agulha até os dedos ficarem duros. Você nunca viu coisa mais refinada do que as que minha mamã fazia, e ela nem usava moldes. Ela odiava moldes. Pegava ela mesma as sedas e os veludos no mercado e fazia tudo o que os Grimké possuíam: cortinas, anáguas acolchoadas, anquinhas laçadas, calças de camurça e aquelas velhas roupas de jóquei para a Semana da Corrida.

Eu vou te dizer uma coisa: os brancos viviam pra essa Semana da Corrida. Tinha piquenique, passeio e compromissos requintados um atrás do outro. A festa da sra. King sempre caía na terça. O jantar no Jóquei Clube, na quarta. A grande agitação era no sábado com o baile Santa Cecília, quando eles desfilavam nas melhores roupas. A Tia-Irmã dizia que Charleston tinha

mania de grandeza. Até os oito anos, mais ou menos, eu achava que grandeza era a mesma coisa que caganeira.

A sinhá era baixa, de cintura larga, com o que pareciam bolotas de massa embaixo dos olhos. Ela se recusava a alugar a mamã para outras senhoras. Elas imploravam, e mamã implorava também, porque poderia ficar com parte do pagamento, mas a sinhá dizia: “Não posso correr o risco de você fazer para elas algo melhor do que faz para nós”. À noite, mamã rasgava faixas de tecido para suas colchas, enquanto eu segurava a vela de sebo com uma mão e empilhava as faixas, por cor, bem arrumadinho. Ela gostava de cores fortes, combinando tons de um jeito que ninguém mais pensaria em fazer: roxo com laranja, rosa com vermelho. O formato que ela adorava era o triângulo. Sempre preto. Mamã colocava triângulos pretos em quase todas as colchas que costurava.

Tínhamos uma caixa de madeira para guardar os retalhos, uma almofadinha para agulhas e linhas, e um dedal de latão de verdade. Mamã dizia que o dedal seria meu um dia. Quando ela não estava usando, eu o colocava na ponta de meu dedo, como uma joia. Estufávamos nossas colchas com algodão cru e fiapos de lã. O melhor enchimento eram penas, ainda são, e mamã e eu nunca passávamos por uma no chão sem recolher. Certos dias, mamã aparecia com o bolso cheio de penas de ganso que ela tinha arrancado de buracos nos colchões da casa. Quando a gente ficava desesperada para encher uma colcha, arrancava o musgo do carvalho no pátio e o costurava entre o forro e a cobertura da colcha, com carrapato e tudo.

Isso era o que mamã e eu adorávamos, nosso tempo com as colchas.

Não importava o que a Tia-Irmã me botasse para fazer no pátio, eu sempre observava as janelas do andar de cima onde mamã costurava. Tínhamos um sinal. Quando eu virava o balde de ponta-cabeça perto da cozinha, significava que a barra estava limpa. Mamã abriria a janela e jogaria um doce que tinha roubado do quarto da sinhá. Às vezes, vinha uma trouxa com retalhos, calicô do bom, guingão, musselina, um pouco de linho importado. Uma vez, foi aquele dedal de latão de verdade. A coisa preferida dela era a linha vermelho-escarlate. Ela enrolava no bolso e saía da casa.

O pátio estava mais do que cheio aquele dia, por isso não tinha esperança de que um doce caísse do céu. Mariah, a escrava da lavanderia, tinha queimado a mão com o carvão do ferro de passar e estava de cama. A Tia-Irmã estava irada por causa da roupa acumulada. Tomfry mandou os homens matarem um leitão que guinchava a todos pulmões. Todo mundo estava lá, desde o velho Neve, o cocheiro da carruagem, até o limpador de esterco do estábulo, Príncipe. Tomfry queria acabar logo com a matança, porque a sinhá odiava barulho do pátio.

O barulho estava na sua lista de pecados dos escravos, que nós sabíamos de cor. Número um: roubar. Número dois: desobedecer. Número três: preguiça. Número quatro: barulho. Um escravo devia ser como o Espírito Santo: não se vê, não ouve, mas está sempre por perto, a postos.

A sinhá ralhou com Tomfry, disse que fizessem silêncio, uma dama não precisa saber de onde vem seu bacon. Quando ouvimos isso, eu disse para a Tia-Irmã que a sinhá não sabia por qual lado o seu bacon entrava e por qual lado ele saía. A Tia-Irmã me deu um tapa tão grande que eu fui parar no dia anterior.

Peguei a longa estaca que chamávamos de batedor e pesquei as cobertas de dentro da panela de lavar cheia de soda e as joguei pingando sobre a cerca onde a Tia-Irmã secava suas ervas de cozinhar. Era proibido colocá-las no corrimão da cerca porque os olhos dos cavalos eram preciosos demais para serem expostos aos efeitos da soda. Olhos de escravos eram outra coisa. Mexendo a estaca, bati naqueles lençóis e cobertas até a morte. A gente chamava isso de pegar a sujeira.

Depois que terminei de lavar, fiquei desocupada e feliz por poder aproveitar o pecado número três. Segui um caminho que eu tinha transformado em terra por passar lá dez, doze vezes por dia. Comecei no fundo da casa-grande, passei pela cozinha e pela lavanderia até a grande árvore. Alguns galhos eram mais grossos que o meu corpo, e todos eles se enrolavam como fitas em uma caixa. Maus espíritos viajam em linha reta, e nossa árvore não tinha nenhum canto desentortado. Nós, escravos, nos reuníamos ali quando o calor apertava. Mamã sempre me dizia pra não arrancar o musgo cinza porque ele mantém o sol e os olhos bisbilhoteiros longe.

Passei pelo estábulo e pela cocheira. O caminho me levou através do mapa inteiro do mundo que eu conhecia. Eu ainda não tinha visto o globo giratório na casa que mostrava todo o resto. Fui em frente, torcendo para que o dia passasse logo e aí mamã e eu poderíamos ir para o nosso quarto. Ele ficava em cima da cocheira e não tinha janelas. O cheiro de esterco do estábulo e do curral subia tão forte que parecia que nossa cama era recheada com isso e não com palha. O resto dos escravos dormia em cima da cozinha.

O vento bateu e eu tentei ouvir as velas dos navios chacoalhando no porto do outro lado da estrada, um lugar cujo odor eu já tinha sentido pela brisa, mas nunca tinha visto. As velas soavam como chicotes, e todo mundo prestava atenção pra ver se era algum escravo sendo açoitado num pátio vizinho ou os navios se aprontando para partir. Você descobria se ouvisse os gritos ou não.

O sol tinha ido embora, deixando um buraco nas nuvens, como se o botão tivesse caído. Peguei o batedor do lado da panela de lavar e, sem moti-

vo algum, enfiei em uma abóbora na horta. Joguei contra a parede, onde ela explodiu fazendo um grande barulho.

De repente, o ar ficou parado. A voz da sinhá surgiu da porta dos fundos: “Tia-Irmã, traga Hetty aqui agora mesmo”.

Fui pra casa, pensando que ela estaria muito brava por causa de sua abóbora. Avisei para o meu traseiro se preparar.

Sarah Grimké

Meu aniversário de onze anos começou com mamãe me tirando do berçário. Por um ano, sonhei em me livrar das bonecas de porcelana, dos piões e dos minúsculos jogos de chá espalhados pelo chão, das pequenas camas alinhadas em fileira, de toda aquela bagunça do lugar, mas o dia tinha chegado, e eu empaquei na soleira do meu novo quarto. Ele era todo escuro e tinha o cheiro do meu irmão — fumaça e couro. O dossel de carvalho e o tecido de veludo vermelho eram tão imponentes que pareciam mais perto do teto que do chão. Eu nem era capaz de me mexer por medo de morar sozinha num lugar tão enorme e sobrecarregado.

Respirando fundo, me atirei pela soleira. Era o jeito desajeitado que eu encarava os obstáculos da minha infância. Todo mundo pensava que eu era uma garota corajosa, mas, na verdade, não era tão destemida como todos achavam. Eu tinha o temperamento de uma tartaruga. Diante de qualquer perigo, medo ou obstáculo que aparecia no meu caminho, não queria fazer outra coisa a não ser frear e me esconder. *Se você precisa errar, erre pela audácia.* Esse foi o pequeno *slogan* que criei para mim mesma. Faz algum tempo que ele vinha ajudando a me arrastar por soleiras.

Aquela manhã estava bem fria, vento brilhante jorrando do Atlântico e nuvens soprando como birutas. Por um momento, fiquei de pé no quarto ouvindo as folhas das palmeiras se chocando em volta da casa. As calhas do terraço assobiavam. O balanço da varanda gemia em suas correntes. Lá embaixo, na cozinha abafada, mamã mandava os escravos pegarem as sopeiras chinesas e xícaras Wedgwood, preparando minha festa de aniversário. Sua criada Cindie tinha passado horas umedecendo e prendendo a peruca de mamã com papel e bobes e o cheiro azedo de seu cozimento tinha se infiltrado escada acima.

Observei Binah, a mamã do berçário, guardando minhas roupas no pesado e antigo armário, lembrando como ela usava um atizador para balançar o berço de Charles, com suas pulseiras de búzios chocalhando por seus braços enquanto ela nos apavorava com contos da Booga Hag — uma velha que passava por aí numa vassoura e sugava o espírito de crianças malvadas. Eu ia sentir saudade da Binah. E da doce Anna, que dormia com o dedão na boca. E também de Ben e Henry, que pulavam como diabretes até seus colchões

explodirem como gêiseres de penas de ganso, e da pequena Eliza, que tinha o hábito de se enfiar na minha cama para se esconder do reino de terror noturno da Booga.

Claro que eu deveria ter sido emancipada do berçário havia muito tempo, mas tinha sido forçada a esperar que John fosse para a faculdade. Nossa casa de três andares era uma das maiores de Charleston, mas tinha poucos quartos, considerando o quão... bem, o quão fértil mamãe era. Éramos dez: John, Thomas, Mary, Frederick, e eu, seguida pelos habitantes do berçário — Anna, Eliza, Ben, Henry e o bebê Charles. Eu era a do meio, a que mamãe chamava de *diferente*, e papai de *notável*, a com o cabelo acenourado e as sardas, constelações delas. Meus irmãos tinham tracejado Órion, a Ursa Menor e a Maior nas minhas bochechas e na minha testa com carvão, conectando os pontinhos vermelho vivo, e eu não me importei em ser o céu inteiro deles por horas.

Todo mundo dizia que eu era a favorita do papai. Não sei se era preferência mesmo ou pena, mas ele com certeza era o *meu* favorito. Ele era juiz na corte mais alta da Carolina do Sul e estava no topo da classe latifundiária, o grupo que Charleston considerava a sua elite. Ele tinha lutado com o general Washington e foi feito prisioneiro pelos britânicos. Era modesto demais para falar dessas coisas — para isso, ele tinha a mamãe.

O nome dela era Mary, e aí termina qualquer semelhança com a mãe do nosso Senhor. Era descendente de uma das primeiras famílias de Charleston, um pequeno grupo de lordes que o rei Charles enviara para estabelecer a cidade. Ela enfiava tanto isso em conversas que nem nos dávamos mais ao trabalho ou ao esforço de revirar os olhos. Além de governar a casa, um bando de crianças e catorze escravos, ela tinha deveres sociais e religiosos que teriam acabado com rainhas e santas da Europa. Quando eu estava sendo compreensiva, dizia que minha mãe estava simplesmente exausta. Suspeito, porém, que ela fosse simplesmente desagradável.

Quando Binah terminou de arrumar meu cabelo com pentes e fitas, na minha nova e extravagante penteadeira Hepplewhite, virou-se para mim, e eu devo ter parecido desamparada, pois ela estalou a língua no céu da boca e disse: “Pobre srta. Sarah”.

Eu odiava tanto o acréscimo de *pobre* ao meu nome. Binah vinha murmurando *pobre srta. Sarah* como um feitiço desde que eu tinha quatro anos.

Minha mais antiga lembrança: organizando as bolas de gude de meu irmão para formar palavras. É verão, e estou embaixo do carvalho nos fundos do pátio. Thomas, dez anos, a quem eu amava mais do que aos outros, tinha me ensinado nove palavras: SARAH, MENINA, MENINO, IR, PARAR, PULAR,

CORRER, ACIMA, ABAIXO. Ele as escreveu num papel-manteiga e me deu um saquinho com quarenta e oito bolas de gude para soletrar, o suficiente para montar duas palavras por vez. Organizei as bolas na terra, copiando as palavras escritas de Thomas. *Sarah Ir. Menino Correr. Menina Pular.* Trabalhava o mais rápido que era capaz. Binah viria atrás de mim em breve.

É a mamãe, no entanto, que desce os degraus do fundo até o pátio. Binah e os outros escravos da casa estão grudados uns aos outros, movimentando-se com cuidado, passos sincronizados como se fossem uma única criatura, uma centopeia cruzando um espaço desprotegido. Pressinto a sombra que os cobre no ar, um medo devorador, e engatinho de volta ao refúgio verde e preto da árvore.

Os escravos encaram as costas de mamãe, que é reta e dura. Ela se vira e os repreende. *Estão enrolando. Rápido, vamos acabar logo com isso.*

Enquanto ela fala, uma escrava mais velha, Rosetta, é arrastada da cocheira, arrastada por um homem, um escravo do pátio. Ela luta, arranhando o rosto dele. Mamãe observa, impassível.

Ele amarra as mãos de Rosetta à coluna do canto da varanda da cozinha. Ela olha por sobre o ombro e implora. *Sinhá, por favor. Sinhá. Sinhá. Por favor.* Ela implora mesmo enquanto o homem a atinge com o chicote.

O vestido dela é de algodão, de um amarelo pálido. Olho, paralisada, enquanto brota sangue de suas costas, florescências vermelhas que se abrem como pétalas. Não consigo conciliar a selvageria dos golpes com a forma doce como ela implora ou a beleza das rosas se enroscando ao longo da treliça de sua espinha. Alguém conta as chicoteadas — seria mamãe? Seis, sete.

O flagelo continua, mas Rosetta para de lamentar e afunda contra a pilastra da varanda. *Nove, dez.* Desvio meus olhos. Eles seguem uma formiga preta viajando pelos confins abaixo da árvore — as raízes montanhosas e os musgos florestais, os perigos sem fim — e na minha mente eu digo as palavras que montei mais cedo. *Menino Correr. Menina Pular. Sarah Ir.*

Treze. Catorze... Saio das sombras, passo pelo homem que agora enrola seu chicote, trabalho bem-feito, passo por Rosetta pendurada pelas mãos e caída. Ao pular os degraus dos fundos e entrar em casa, mamãe me chama, e Binah tenta me pegar, mas escapo voando pelo corredor principal, saio pela porta da frente e sigo cegamente para o cais.

Não me lembro do resto com clareza, apenas que me vejo andando em uma prancha de embarque de um navio, soluçando, tropeçando em um monte de cordas. Um bom homem de barba e chapéu escuro pergunta o que eu procuro. Eu imploro: *Sarah Ir.*

Binah vem atrás de mim, embora eu não a perceba até que me pegue nos

braços e murmure: “Pobre srta. Sarah, pobre srta. Sarah”. Como um decreto, uma proclamação, uma profecia.

Quando chego em casa, sou um amontoado de ranho, terra do pátio e sujeira do porto. Mamãe me segura, se afasta e me chacoalha com irritação, depois me agarra outra vez. “Você tem que prometer nunca mais fugir. *Me prometa.*”

Eu quero. Eu tento. As palavras estão na ponta da língua, caroços redondos, brilhando como as bolas de gude embaixo da árvore.

“Sarah!”, ela exige.

Nada sai. Som algum.

Fico muda por uma semana. As palavras parecem presas no vale entre minhas clavículas. Recupero-as aos poucos, rezando, forçando e cortejando. Volto a falar, mas com um tipo estranho e inconstante de gagueira. Nunca tinha sido uma interlocutora fluida, até mesmo minhas primeiras palavras possuíam certa qualidade beligerante, mas agora havia pausas feias e demoradas entre minhas frases, segundos infinitos quando as palavras se acovardavam em meus lábios e as pessoas desviavam o olhar. Por fim, essas terríveis pausas começaram a ir e vir de acordo com seus próprios caprichos misteriosos. Elas me atormentavam por semanas e então sumiam por meses, apenas para retornar tão abruptamente quanto tinham ido embora.

No dia em que me mudei do berçário para começar uma vida de maturidade no velho e austero quarto de John, eu não estava pensando na crueldade que tinha acontecido no pátio quando eu tinha quatro anos ou nos finos filamentos que controlavam minha voz desde então. Essas preocupações estavam o mais distante possível de minha mente. Meu problema de dicção ausentara-se havia um tempo — quatro meses e seis dias. Eu quase me imaginava curada.

Então, quando minha mãe surgiu de repente no quarto — eu, em um paroxismo de adaptação ao novo ambiente, e Binah guardando minhas coisas aqui e ali — e perguntou o que achava de meus novos aposentos, fiquei chocada por minha incapacidade de responder. A porta bateu em minha garganta, e o silêncio ficou lá dentro. Mamãe me olhou e suspirou.

Quando ela saiu, forcei meus olhos a permanecerem secos e virei as costas para Binah. Não aguentaria ouvir mais um *pobre srta. Sarah*.

Encrenca

Tia-Irmã me levou para a cozinha abafada, onde Binah e Cindie se ocupavam com bandejas de prata, enchendo-as de bolo de gengibre e maçãs com amêndoas moídas. Vestiam seus longos aventais dos bons, engomados. Na sala de visitas, o som era como de abelhas zunindo.

A sinhá surgiu e mandou que Tia-Irmã arrancasse meu casaco nojento e lavasse meu rosto. “Hetty, hoje é aniversário de onze anos de Sarah e vamos fazer uma festa para ela.”

Ela pegou uma fita cor de lavanda do topo do armário de mantimentos e a colocou em volta do meu pescoço, fazendo um laço, enquanto Tia-Irmã tirava o preto de minhas bochechas com seu pano. A sinhá amarrou outra fita em volta de minha cintura. Quando eu a puxei, ela deu uma bronca: “Pare de mexer nisso, Hetty! Fique quieta”.

A sinhá tinha apertado muito o laço na minha garganta. Eu tinha a sensação de que não conseguiria engolir. Procurei os olhos de Tia-Irmã, mas eles estavam colados na bandeja de comida. Queria dizer-lhe: “Me livre disso, me ajude, preciso usar a latrina”. Eu sempre tinha algo inteligente a dizer, mas minha voz tinha fugido da garganta como um camundongo de cozinha.

Dancei numa perna e depois na outra. Pensei no que mamã tinha dito: “Seja boazinha perto do Natal, porque é quando eles vendem criança sobrando ou mandam pro campo”. Eu não sabia de nenhum escravo que o sinhô Grimké tivesse vendido, mas eu conhecia muitos enviados para a sua plantação no interior profundo. É de lá que mamã tinha vindo, comigo dentro dela e deixando papai para trás.

Parei de me mexer na hora. Meu ser inteiro foi para o buraco onde minha voz estava. Tentei fazer o que eles diziam que Deus queria. Obedecer, ficar quieta, ficar parada.

A sinhá me estudou, como eu ficava de fitas violetas. Pegando-me pelo braço, ela me levou até a sala de visita onde as senhoras sentavam com seus vestidos apurados e suas xícaras de chá de porcelana e guardanapos rendados. Uma senhora tocava um pianinho chamado espineta, mas parou quando a sinhá bateu palmas uma vez.

Todos os olhos se fixaram em mim. A sinhá disse: “Esta é nossa pequena Hetty. Sarah, querida, ela é o seu presente, sua própria dama de companhia”.

Apertei as mãos entre as pernas e a senhora deu um tapa nelas. Virou-me em um círculo completo. As damas começaram como papagaios — “*parabéns, parabéns*” — as cabeças enfeitadas balançando no ar. A irmã mais velha da srta. Sarah, srta. Mary, estava completamente emburrada por não ser o centro da festa. Depois da sinhá, era o pior papagaio do cômodo. Nós todas já tínhamos visto ela com a *sua* criada, Lucy, abusando da garota de domingo a domingo. A gente dizia que se a srta. Mary derrubasse o lenço do segundo andar, mandaria Lucy pular da janela para pegá-lo. Pelo menos eu não fui parar com aquela.

Srta. Sarah ficou de pé. Usava um vestido azul-marinho e tinha o cabelo vermelho liso como fiapo de milho e sardas da mesma cor no rosto todo. Ela respirou profundamente e começou a mexer os lábios. Naquela época, a srta. Sarah puxava palavras da garganta como se estivesse pegando água de um poço.

Quando finalmente trouxe o balde à tona, mal ouvimos o que ela disse: “... Desculpe, mamãe... Não posso aceitar”.

A sinhá pediu que ela repetisse. Dessa vez, srta. Sarah berrou como um vendedor de camarão.

Os olhos da sinhá eram de azul-gelo como os da srta. Sarah, mas ficaram escuros como anil. Suas unhas cravaram em mim e arranharam meu braço como uma revoada de pássaros. Ela disse: “Sente-se, querida Sarah”.

A srta. Sarah disse: “... Eu não preciso de dama de companhia... Estou perfeitamente bem sem uma.”

“Já chega”, disse a sinhá. Como é possível alguém não notar um aviso desses, não sei. A srta. Sarah errou de longe.

“... Você não pode guardá-la para Anna?”

“*Chega!*”

Srta. Sarah caiu na cadeira como se alguém a tivesse empurrado.

A água começou a escorrer pela minha perna. Me mexi de todas as maneiras para me libertar das garras da madame, mas aí veio um jato sobre o tapete.

A sinhá gritou e tudo ficou em silêncio. Dava pra ouvir as brasas estalando na lareira.

Eu achei que receberia um safanão, ou coisa pior. Pensei em Rosetta, em como ela fingia um ataque de tremor quando necessário. Ela babava e girava os olhos. Parecia um besouro de cabeça para baixo tentando se endireitar, mas isso a livrava da punição, e passou pela minha cabeça cair e fingir um ataque do melhor jeito que conseguisse.

Mas fiquei de pé com meu vestido molhado grudado nas minhas coxas e a vergonha aquecendo meu rosto.

Tia-Irmã veio e me levou embora. Quando passamos pela escada no corredor principal, vi mamã à beira da escada, apertando as mãos contra o peito.

Naquela noite, as pombas se sentaram nos galhos das árvores e arrulharam. Grudei na mamã em nossa cama de corda, encarando o tear, como ele se pendurava das vigas do teto sobre nós duas, amarrado com força em suas polias. Ela dizia que o tear era nosso anjo da guarda. Ela disse: “Tudo vai ficar bem”. Mas a vergonha permaneceu em mim. Tinha gosto amargo.

Os sinos badalaram por Charleston para o toque de recolher dos escravos, e mamã disse que a Guarda logo estaria lá fora batendo seus tambores, mas ela disse assim: “A farinha vai carunchá logo”.

Então, massageou os ossos planos de meus ombros. Foi quando ela me contou a história da África que sua mamã tinha lhe contado. De como as pessoas sabiam voar. Como voavam sobre árvores e nuvens. Como voavam que nem pássaros negros.

Na manhã seguinte, mamã me deu uma colcha do meu tamanho e disse que eu não poderia mais dormir com ela. Dali em diante, eu dormiria no chão do corredor ao lado do quarto da srta. Sarah. Mamã disse: “Só saia da colcha quando a srta. Sarah chamar. Não saia andando sem rumo. Não acenda vela nenhuma. Não faça barulho. Quando a srta. Sarah tocar o sino, você se apressa”.

Mamã me falou: “De agora em diante, vai ser difícil, Encrenca”.